

## **O que desaparece, o que resiste: para pensar o apagamento**

Marina Polidoro

[ Publicado em Leila Danziger. *Diários públicos: sobre memória e mídia*, Rio de Janeiro: Editora Contra Capa | Faperj, 2013.]

Nas artes visuais, operações que desgastam a imagem também podem integrar a sua construção: fazer e desfazer como parte de um mesmo processo. Seguindo tal ponto de vista, este texto busca investigar o apagamento, considerando que tal operação pode ter relevância equivalente à de que está imbuída a inscrição. Essa questão pode ser encontrada no trabalho de Leila Danziger, bem como, ainda que de formas distintas, nos de Cy Twombly e Robert Rauschenberg.

Em sua pesquisa poética, Leila Danziger tensiona memória e esquecimento, sendo muito forte a sua relação com a poesia. Mais especificamente, na série *Diários públicos*, a artista esvazia o conteúdo da página do jornal: com auxílio de fita adesiva, arranca textos e imagens. Sobre as páginas apagadas, Danziger carimba trechos de poemas como dedicatórias e comentários acerca dos escombros das notícias. Desse fazer a artista apresenta as próprias folhas de jornal avulsas ou encadernadas, formando livros; as fitas utilizadas na remoção dos textos e que agora passam a contê-los; e folhas de jornal transformadas em múltiplos, reeditadas. São desdobramentos que dão conta de fazer durar a experiência por vias diversas.

### **Sobre fazer e desfazer**

A ação de apagar refere-se diretamente a uma ação anterior, a que provocou a inscrição – ou seja, o apagamento está ligado a uma tentativa de desfazer algo. Nessa perspectiva, podemos invocar aqui uma das mais famosas rotinas de fazer e desfazer: a de Penélope. Ela diz que precisa tecer uma mortalha para o herói Laertes, seu sogro, e que não pode casar-se novamente antes de terminá-la; diz que precisa dedicar-se ao tear antes que os fios corrompam-se. Mas isso não era verdade, Penélope enganou a todos os seus pretendentes: “Passava os dias atarefada. Mas à noite, à luz de tochas, desfiava o tecido. Trapaça de três anos!”<sup>1</sup> Trapaceou porque não havia desistido, porque ainda esperava o retorno de Ulisses.

Assim, “versadíssima em astúcias”, ao desfiar o tecido, subverte a passagem do tempo e, enquanto pode parecer que perde tempo, está na verdade trabalhando para ganhar

---

<sup>1</sup> HOMERO. *Odisseia*. Porto Alegre: L&PM, 2007, p. 43. Tradução de Donaldo Schüller.

mais. Com a história de Penélope, a aparente perda de tempo que existe nas ações de desfazer, nas tentativas de apagamento, ganha uma dimensão positiva.

Por outro lado, nos aproximamos do conceito de palimpsesto, que desfaz algo para reaproveitar o seu suporte: se tomado literalmente, refere-se aos pergaminhos que, por seu alto custo e escassez, eram reutilizados depois da raspagem do texto preexistente. Nessa direção, como em um manuscrito onde se descobrem escritas anteriores, diversos trabalhos de arte contemporânea não se oferecem por inteiro a um único olhar, mas possibilitando a descoberta de outros elementos por trás da superfície. Barthes identifica essa característica no desenho de Cy Twombly:

[...] isso apaga-se pouco a pouco, esbate-se, conservando a delicada sujidade da apagadela da borracha: a mão traçou qualquer coisa como uma flor e depois pôs-se a divagar sobre este traço; a flor foi escrita, em seguida desescrita, mas os dois movimentos ficam vagamente sobre-imprimidos. É um palimpsesto perverso: três textos [...] encontram-se reunidos, cada um tentando apagar os outros, mas, dir-se-ia com o único fim de dar a ler este apagamento.<sup>2</sup>

Na obra de Twombly, é possível ver a convivência entre o que aparece e o que desaparece, a inscrição e o apagamento. Qualidades mais ligadas à negação do que à afirmação do objeto do desenho. Destaca-se o final dessa citação, em que Barthes nos indica a importância do gesto: talvez o mais significativo a ser visto no apagamento não é o vazio deixado ou a nova imagem que surge, mas a evidência do gesto.

### **Sobre o apagamento**

Em 1953, o então jovem artista Robert Rauschenberg solicita um desenho para Willem de Kooning, com a intenção de apagá-lo. De Kooning não só aceita a proposta, como decide lhe entregar um desenho que fosse realmente difícil de apagar. E o foi de fato, visto que o pequeno desenho exigiu um mês de trabalho para se aproximar da folha em branco. Assim, por meio da subtração, Rauschenberg produziu um novo desenho, *Erased de Kooning drawing*. Ao apropriar-se de um desenho para apagá-lo, não apaga o fato de este ser um desenho. Antes disso, desenha um novo, com significado completamente outro.

Segundo o próprio Rauschenberg, ele já havia realizado alguns trabalhos apagando o próprio desenho, mas não tinha ficado satisfeito. Reconheceu que um desenho apagado apenas fazia sentido, se pudesse ser começado a partir de uma obra de arte importante. A ação

---

<sup>2</sup> BARTHES, Roland. *O óbvio e obtuso*. Lisboa: Edições 70, 1982, p. 143.

ganharia maior relevância ao apagar o gesto de outro artista, de um artista cuja trajetória já possuísse reconhecimento. A escolha do artista de quem apropriaria o desenho, portanto, deve-se ao fato de Willem de Kooning ser a grande referência do expressionismo abstrato. Quase uma homenagem, o desenho apagado representa, junto com outros de seus trabalhos, “respostas à questão ‘Como prosseguir?’, uma vez que o limite da expressão individual já fora atingido e, além do mais, codificado em um sistema.”<sup>3</sup>

Compartilhando o procedimento de apagamento de algo apropriado de autoria de outro, porém em investigações distantes, Leila Danziger desenvolve, desde 2002, a série de trabalhos intitulados *Diários públicos*. Ela apropria-se do jornal para, nas suas próprias palavras, “interferir na temporalidade linear dos jornais, conferir-lhes potência poética, transformá-los em pequenos monumentos.”<sup>4</sup>

A artista retira o conteúdo da página do jornal; usa fita adesiva para extrair os textos e imagens, que são transferidos para a fita. Seria a leitura levada ao extremo? Ler pode ser arrancar, transferir? Luiz Cláudio da Costa percebe uma leitura que questiona o dispositivo do jornal e o envelhecimento acelerado da informação. Ora, “é imperioso ‘silenciar a tagarelice’ da informação para existir poesia.”<sup>5</sup> Sobre os escombros da página, a artista carimba versos de poemas ou dedicatórias, seguindo o tom do conteúdo que elas abrigavam anteriormente: de tragédias naturais e catástrofes do dia a dia a pequenos encantamentos melancólicos.

Apesar da ação – e da agressão, porque o papel já frágil do jornal tende a tornar-se uma pele ainda mais fina devido à violência do procedimento utilizado –, mantém-se a página enquanto tal, seu formato é preservado. E mantêm-se os vestígios: desde uma imagem que foi selecionada para ser conservada ao conteúdo do verso, que transparece como uma visão desbotada daquilo que poderia ter sido a página sobre/com a qual foi construída a obra. Assim, a estrutura das notícias permanece, ainda que apenas latente, enquanto o espaço do jornal é reinvestido de sentido: sobre os vestígios da matéria jornalística impõe-se a poesia carimbada, fragmentos de Paul Celan, Cecília Meireles, Drummond, entre outros poetas, ou da própria artista.

### **Sobre o que resiste**

É essa a ineficiência que se aponta no apagamento, como um procedimento que, supostamente, se propõe a esvaziar um suporte: o artista esforça-se para retirar o conteúdo

---

<sup>3</sup> WOOD, Paul. *Arte conceitual*. São Paulo: CosacNaify, 2002, p. 19.

<sup>4</sup> DANZIGER, Leila. “Para-ninguém-e-nada-estar”. In: *Anais do XVI Encontro Nacional da ANPAP*, Florianópolis, 2007, p. 1421.

<sup>5</sup> COSTA, Luiz Cláudio da (org.) *Tempo-matéria*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2010, p. 3.

que ali estava inscrito, colocado e construído por ações anteriormente realizadas, por si mesmo ou por outros autores. Porém acaba preenchendo esse espaço com os vestígios de uma nova ação. Rauschenberg não consegue retornar à página vazia, à página “em branco”. Tampouco é isso o que Danziger busca. As operações empreendidas para realizar o apagamento e suprimir as suas inscrições acabam também por agredir o papel, alterar sua superfície, produzem novas marcas que se encarregam de denunciar essa tentativa. O ato de apagar pode pretender suprimir, fazer desaparecer, porém consegue apenas desvanecer, desbotar, abrandar.

O vazio não é alcançado, nem parece ser o objetivo real. Consoante isso, pode-se recorrer a Georges Perec, que faz uma primorosa descrição de uma sala vazia, onde “resta o que resta quando não resta nada”<sup>6</sup> – e o quanto há para se descrever nessa sala. Assim, por fim, apesar de reduzir a quantidade de imagens e grafismos presentes no trabalho, o ato de apagar acrescenta novos conteúdos. A obra permanece impregnada com a memória e os vestígios de cada uma dessas ações, da inscrição e do apagamento.

---

<sup>6</sup> PEREC, Georges. *A vida modo de usar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 43.